

**Entre receber e responder... “*Em outra ocasião responderei, não fazendo agora por falta de tempo*”. As correspondências de Celsiana Teixeira Ladeia (1901 -1930)**

Marcos Profeta Ribeiro \*

**Resumo:** O presente estudo teve origem durante o processo de catalogação do amplo acervo privado da família do coronel Deocleciano Pires Teixeira, pai do educador Anísio Teixeira e um dos principais chefes políticos baianos no final do século XIX. Neste acervo, composto principalmente de correspondências pessoais escritas entre os anos de 1890 até 1960, há uma nítida participação de mulheres da elite de Caetité (BA) realizando diversas atividades no contexto familiar e cidadão. Destacando a trajetória de Celsina Teixeira Ladeia entre os anos de 1901 a 1930, este estudo visa perceber, através da rede de comunicação por cartas, diversas atuações e construção de redes de sociabilidade que escapam aos aspectos estritamente normativos determinados historicamente aos gêneros.

**Palavras-chave:** História das Mulheres, Cartas pessoais, Rede de Sociabilidade.

**Abstract:** This study originated during the process of cataloging the extensive private acquis of the family of Colonel Deocleciano Pires Teixeira, Anísio Teixeira educator's father and one of the main political leaders Bahians at the end of the nineteenth century. In this collection, composed mainly of personal correspondence written between the years 1890 to 1960, there is clear participation of women in the elite of Caetité (BA) performing various activities in the family and city. Highlighting the trajectory of Celsina Teixeira Ladeia between the years 1901 to 1930, this study aims to understand, through the network of communication by letters, various activities and construction of social networks beyond the strictly normative aspects of certain gender historically.

**Keywords:** History of Women, personal letters, social network.

Integrada a um dinamismo social, econômico e cultural que remonta ao século XVIII, a cidade de Caetité (BA), localizada na região do alto sertão baiano<sup>1</sup>, produziu um riquíssimo patrimônio, indicativo das relações sociais cotidianas dos mais diversos segmentos. A recente organização dos acervos da família do coronel Deocleciano Pires Teixeira<sup>2</sup> (pai de Anísio Teixeira) trouxe, para a historiografia baiana, nova possibilidades de pesquisa. Este acervo, juntamente com estudos já realizados, apontam que a cidade de Caetité e o alto sertão baiano produziram um dinamismo próprio e específico, indicativo das relações sociais cotidianas entre diversos segmentos.

---

\* UNEB (campus de Caetité), mestrando pela PUC-SP, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Odila L. da Silva Dias. Pesquisa financiada pelo CNPq.

<sup>1</sup> “Região do Alto Sertão da Bahia, referenciada na posição relativa ao curso do rio São Francisco na Bahia e o relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes.” (NEVES, 1998: 22)

<sup>2</sup> Esta documentação, gentilmente doada por Babi Teixeira (filha de Anísio Teixeira).

Durante o processo de catalogação foi constatado que o número de correspondências destinadas às personagens femininas daquela família rivalizava em quantidade aos dos personagens masculinos. Mais importante do que a quantidade, reside o aspecto qualitativo das informações contidas nos documentos, ou seja, a documentação revelou inicialmente indícios de participação ativa das mulheres nos diversos setores da vida cotidiana.

Este estudo visa perceber, mediante a análise de correspondências femininas, a “re-descoberta de papéis informais, de situações inéditas e atípicas”, reconstruindo “processos sociais fora do seu enquadramento estritamente normativo” (DIAS, 1991: 40). Apesar da precariedade dos sistemas de transporte e comunicação em Caetité nas primeiras décadas do século XX, o caminho escolhido para tal intento é enxergar, nos hiatos existentes entre receber e responder correspondências, múltiplas atuações das mulheres da elite, sobretudo a de Celsina Teixeira Ladeia<sup>3</sup>.

“As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam um tempo para chegar, muitas vezes demoram para ser respondidas e, não raro, demoram para retornar”( BASTOS et al., 2002: 5).

Informações sobre ritmos de tempo não são raras nas correspondências do acervo, ao contrário, para uma comunidade do alto-sertão da Bahia na primeira metade do século XX, elas sugerem ritmos de tempo variados, o tempo dos percursos entre uma localidade e outra, o tempo das notícias de alguém distante, o tempo contido entre receber e responder cartas.

Inicialmente, a partir da análise de alguns trechos, é possível ter uma noção do percurso de pessoas, mercadorias e correspondências, todavia este percurso relaciona-se também às dificuldades de transporte e de comunicação do período. Em 1908, estabelecida em Salvador, Celsina recebe da irmã a seguinte correspondência enviada de Caetité:

Caetité, 7 de abril de 1908  
Querida Sissinha  
Foi com grande satisfação, e ao mesmo tristeza que recebi sua cartinha de 14 do mez passado.  
Senti alegria por ter suas noticias, e tristeza quando lembrei que estávamos tão distantes.  
Todos d’aqui estão bons, e faço votos para que esteja acontecendo o mesmo com todos d’ahi.

---

<sup>3</sup> Celsina nasceu em Caetité no dia 10/10/1887 e faleceu na mesma cidade, 1979. Segunda filha do casamento entre o coronel Deocleciano Pires Teixeira e D. Ana Spínola Teixeira, casou-se em 1909 com o farmacêutico José Antônio Gomes Ladeia (Juca, falecido em 1926). Deste casamento nasceu seu único filho, Edvaldo Teixeira Ladeia (falecido em 1946, aos 36 anos de idade). Notabilizou-se na região por idealizar e fundar, em 1919, juntamente com outras mulheres da elite local, a Associação das Senhoras de Caridade de Caetité. No contexto familiar, assumiu posição de destaque ao gerenciar negócios nas fazendas, como a compra e venda de terras e gado. Manteve ampla rede de comunicação por cartas com pessoas de fora e de dentro do círculo familiar, sobretudo entre os anos de 1901 a 1950.

Por sua carta vi que V. já havia me escripto, não recebi, esta foi a primeira carta que recebi depois que V. chegou ahi; assim como só fala que recebeu a minha do dia 21, pois eu e Mamãe já havíamos escripto no dia 5 de Fev<sup>o</sup>, V ainda estava em viagem junto também uns cartõesinhos de visita para Yaya e Tiinha, com certeza extraviaram como a sua [...]”<sup>4</sup>.

No trecho transcrito acima são citadas quatro correspondências: a primeira, enviada por Celsina, residente neste período em Salvador, para Tilinha, então em Caetité, parece ter sido extraviada; a segunda e a terceira, escritas por Tilinha no dia 05/02/1908 (também extraviada) e no dia 21/02/1908; a quarta, escrita por Celsina no dia 14/03/1908; e a quinta, de Tilinha para Celsina, escrita no dia 07/04/1908. Assim, para este conjunto de missivas e pelos indícios contidos no trecho citado, a periodicidade delimitada entre receber e responder foi em torno de 21 dias, para cada carta.

Há entre as duas correspondências alguns elementos em comum cujas análises devem ser apontadas. Primeiramente chama atenção aspectos relacionados às queixas entre as missivistas a respeito da demora do recebimento das correspondências enviadas. Elas dizem respeito, entre outras coisas, ao sistema de comunicação da época, tais como inexistência ou precariedade das estradas, sistema de comunicação deficiente, meios de transporte “antiquados” etc. Sobre este aspecto, Santos (2001: 68), afirma que,

A tropa de burros foi por muito tempo o único meio utilizado no Alto-Sertão para o transporte de mercadorias e pessoas a longas distâncias. Em 1914, esta atividade ainda era muito comum, como se pode ver nesta referência do Jornal A Penna: “O homem, para d’aqui remover-se, tem necessidade do ronceiro muar, da cangalha e dos tantos aparelhos complicadíssimos que ainda estão em uso geral n’estas alturas para o desespero do viajante”<sup>5</sup>.

Alguns anos mais tarde, pelo menos para um determinado percurso, a utilização do “ronceiro” meio de transporte parece ainda freqüente. Em um breve relato de viagem, o filho de Celsina, Edvaldo, provavelmente em destino a Salvador, informa à mãe sobre as dificuldades enfrentadas por ele durante o percurso até Sincorá (atual Contendas do Sincorá):

Sincorá, 21 de Março de 1928.

Mamãe

Cheguei aqui bem graças à Deus, apesar de logo após algumas horas a sahida; ter sentido a vista aborrecida, passando com forte dôr de cabeça a qual passou graças a um pedaço de muquiba especie de rôlha de pau, que deu-me Eusébio para cheirar.

Passada esta crise com a qual seria impossível viajar, parti no dia seguinte, são, porem importunado pelo sol abrasador de rachar até a chegada aqui. A viagem não

<sup>4</sup> TILINHA. **Carta para Celsina**. Caetité, 7 de abril de 1908. Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Acervo Particular Família Deocleciano Pires Teixeira, Grupo: Dona Celsina Teixeira, Série: correspondências pessoais, caixa 1, maço 1, nº 49. Tilinha, é o apelido de Hersília Spínola Teixeira, terceira filha do casal Deocleciano e Anna.

<sup>5</sup> O trecho do jornal “A Penna” mencionado por Santos (2001, p.68), aparece em seu trabalho com a seguinte referência: Anno III, nº59, 10/04/1914, p.1.

foi tão fácil como pensava de fazer em 3 dias e ½, pois só me foi possível chegar hoje, passando um dia em companhia de Chico Pires que chegou antes de mim. Elle está bem entusiasmado com as estradas de rodagem sempre em movimento e actividade; agora mesmo já começou a estrada para Gurutuba; e não contente com a recomendação à Oscar de comprar o automovel Ford novo, ainda insistiu na minha estada para não me esquecer de lembrar a Oscar o automovel.

Por Chico Pires soube que houve grande festa no dia 19 em honra a S. José, com procissão etc; fiquei sentido não estar ahi para assistir; porem resignei-me vendo-me em caminho da nova vida que vou sentenciar, se bem que supportando o preguiçoso e antigo meio de viajar, o automovel sertanejo ou cavallo. A Viagem sob o ponto de vista de hospedagem foi optima.

Fallei ao Correia sobre o quadro de Vmcê, disse-me elle ter mandado a 9 deste por um tropeiro, assim como umas encomendas, que seu Quincas deixou aqui. Vou sempre pedindo à Deus para vir em meu auxilio, e que restabeleça Vmcê completamente do braço, por causa do qual q me tem feito ter m pena de Vmcê. ficado aborrecido. São 10 e cinco e tenho de seguir as 4 da manhã, por isso não me estendo mais. E pedindo a Deus por Vmcê.

Peço abençoar o filho de coração mto. am<sup>o</sup>.

Edvaldo<sup>6</sup>.

Segundo Celestino, citado por Santos (2001: 70), o município contava, nas primeiras décadas do século XX, com uma malha viária composta por oito estradas de rodagem, entre elas, a estrada até Contendas do Sincorá (com 240 Km e 6m de largura), cujo percurso, segundo o relato acima, era realizado em cerca de três dias e meio a quatro dias, suportando “o sol abrasador” do sertão e utilizando-se para tal fim, “o preguiçoso e antigo meio de viajar, o automóvel sertanejo ou cavallo”.

Mesmo que parte da viagem fosse realizada de trem no trecho entre Salvador e Recôncavo, comparando-se este relato de viagem com outras correspondências que mencionam percursos em sentido contrário, ou seja, de Salvador a Caetité, é possível estimar entre as duas localidades cerca de oito a dez dias o tempo de viagem. Contudo, quando se pensa no tropeirismo como forma de envio das cartas e encomendas sugere-se um tempo maior para a chegada das mesmas quando vindas de localidades mais distantes, como por exemplo 21 dias, visto que o objetivo precípua de quem realiza esta atividade é o comércio entre localidades diversas, e não apenas uma viagem propriamente dita.

Seja qual for o tempo do percurso da correspondência ou a forma de envio<sup>7</sup>, o período entre receber e responder cartas também está condicionado ao tempo pessoalmente disponível para escrevê-las. Neste ínterim, as cartas possibilitam visualizar atuações femininas no

<sup>6</sup> Edvaldo. **Carta para Celsina**. Sincorá, 21 de Março de 1928. Caixa 2, maço 1, nº 687.

<sup>7</sup> A análise das correspondências indicou que a principal maneira de envio de cartas, encomendas (tecidos, papéis de carta, doces etc) e algumas somas de dinheiro era através de um “portador”, que poderia ser um tropeiro ou algum conhecido em viagem para a localidade onde se encontrava o destinatário. Havia também uma utilização bastante significativa de telegramas e as informações presentes permitem afirmar que este meio era utilizado para notícias curtas, como por exemplo, sobre a boa chegada a uma localidade distante após dias de viagem ou sobre nascimento e morte de alguém. No entanto, devido à imprecisão das informações presentes, não é possível afirmar quais cidades, além de Caetité e Salvador, estavam interligadas por este sistema na primeira metade do século XIX.

contexto social poucas vezes percebidas em outras fontes. Para esta discussão convém trilhar novamente as pistas deixadas por estas mulheres em seus deslocamentos:

Caetité, 19 de março de 1908

Vanvan e Sissinha

“[...] É de admirar, Vanvan eu não digo, porém Sissinha que tem tanta facilidade em escrever, será possível que não encontre uma **hora vaga**. Papai acha graça quando a mamãe fala, diz que é assim mesmo, que não tem tempo, ora um passeio, ora uma visita, e assim **vai passando o tempo** [...]”<sup>8</sup>.

No comentário aplicado pelos pais e relatado pela irmã há uma possível incompatibilidade entre os passeios e visitas pela capital do Estado e a obrigatoriedade de se enviar notícias. “Passeios”, “visitas” e outras atividades dentro e fora do contexto doméstico ganham contornos de uma suposta trivialidade e a questão da falta de uma “hora vaga” é entendida pelos pais como não cumprimento daquela obrigatoriedade, afinal esta é uma das principais funções das correspondências femininas, manter “a família e os amigos próximos e atualizados” (CARVALHO, 2008: 52). Contudo, naquele momento e em outros, Celsina e demais mulheres do seu grupo social parecem exercer uma série de atividades que, pensadas a contrapelo, ganham contornos favoráveis a uma acepção histórica.

A reclamação tecida pela irmã motiva-se não somente pela falta de notícias de parentes, mas também pela demora da chegada das diversas novidades que as viagens para a capital do Estado suscitam. Em carta anterior, escrita no dia 21 de fevereiro, Tilinha recomenda à irmã recém chegada a Salvador:

Caetité, 21 de fevereiro de 1908

Sissinha

“[...] Que tal acharam a Capital? Às primas são agradáveis? Já estão mais conversadeiras? Já encontraram assumptos para as visitas? Já empregam a palavra colossal? E a Estrada de ferro? Os bonds electricos? Mande-me todas estas noticias que estou perguntando [...]”<sup>9</sup>.

A cidade de Salvador, em 1908, devido aos melhoramentos urbanos citados na correspondência, favorecia hábitos de passeios e visitas, sobretudo para pessoas de outras localidades distantes como o alto sertão e ainda não acostumadas com os encantos metropolitanos. Neste ponto, há a partir dos diferentes locais ocupados por ambas as irmãs, uma nítida separação dos tempos individuais no contexto familiar. Naquele momento, Celsina, como outras cartas indicam, parece ter saído de casa com intuito de preparar o

---

<sup>8</sup> TILINHA. **Carta para Vanvan e Celsina**. Caetité, 19 de março de 1908. Caixa 1, maço 1, nº 47/48.(**grifos meus**).

<sup>9</sup> TILINHA. **Carta para Celsina**. Caetité, 21 de fevereiro de 1908. Caixa: 01 maço: 01, nº 25.

casamento marcado para o ano seguinte, em Caetité. Assim, cabe à Tilinha, agora sem o auxílio da irmã mais velha, ajudar a mãe nas tarefas diárias de cuidar da casa e dos irmãos menores. Ainda na mesma correspondência, há uma importante fonte de conflito dentro da família,

uma vez que o tempo individual e o tempo de família não estão sempre em harmonia. Por exemplo, a decisão de sair de casa, casar-se, ou constituir uma família própria, não podiam ter seu tempo determinado, estritamente conforme preferências individuais, mas geralmente dependendo das decisões e necessidades da família como uma unidade coletiva em suportes institucionais. (HAREVEN,1984: 8)

Apesar de Hareven apresentar a análise de uma realidade familiar bastante distinta como a dos Estados Unidos e Europa ocidental, suas idéias assemelham-se ao contexto familiar em estudo. Desta forma, com relação à Celsina, as cartas não indicam claramente que o seu casamento tenha sido motivado por preferência individual dela ou por interesse familiar, mas uma aliança matrimonial com um dos herdeiros da fortuna do Barão de Caetité é salutar para esta questão. Entretanto, para o caso vivido por Tilinha, as diferenças entre as preferências individuais e familiares no tocante à decisão de sair de casa, ficam ainda mais latentes, pois esta, contrariando o desejo dos pais, resolve entrar para um convento alguns anos mais tarde.

A partir da ida para Salvador e da saída de casa em 1908, Celsina momentaneamente desincumbe-se das tarefas no interior do núcleo familiar que lhe eram destinadas em Caetité. Porém, ao deslocar-se para uma outra localidade, insere-se de maneira mais contundente em outras séries de atividades como a compra e envio de encomendas solicitadas por pessoas na cidade de origem, visitas a parentes como forma de manter, reforçar e re-elaborar redes de sociabilidade e ainda mantê-los informados através das cartas sobre acontecimentos sociais, familiares e pessoais. Vale lembrar que esta última atividade, por conta dos diversos afazeres cotidianos requeridos, torna-se não tão simples, porque “exige tempo, reflexão e disciplina” (BASTOS,2002: 5).

As atividades das duas irmãs, seja qual for o local ocupado ou em que tempo (individual ou familiar) se efetivaram, formaram “um todo, resultado das necessidades impostas ao cotidiano das pessoas ali envolvidas” (MALUF, 1995: 197). Por esta perspectiva, o comentário dos pais está inserido no contexto das relações capitalistas que

se equilibram precariamente na crença que as mulheres mais ‘ajudam’ do que trabalham; que seu lugar verdadeiro é o lar; que quando se aventuram ‘para fora’ do lar, elas são mais convenientes em trabalhos que imitem as tarefas domésticas. (Maluf , Idem: 198).

Desta forma, a opinião dos pais sobre a maneira “improdutiva” como Celsina “passava seu tempo” em Salvador está em consonância com a visão estática e restrita da literatura memorialista produzida no alto sertão, que define espaços de atuação exclusivamente domésticos para as mulheres. Em uma descrição sobre seus bisavós realizada por Maria de Lourdes Souza Cordeiro Galvão (1988: 12 – 14) fica claro a distinção dos papéis atribuídos aos dois sexos no interior de uma família da cidade de Condeúba(BA), próxima a Caetité:

“Capitão Manoel Cordeiro da Silva  
Abastado fazendeiro. Respeitado em toda a região por sua integridade de caráter. Muito considerado pelos amigos e pelos subalternos também.  
Senhor de muitos escravos. O Capitão Manoel Cordeiro da Silva possuía muitas fazendas. Dono de grande extensão de terras, o que era comum naquela época para as pessoas de projeção como a sua.[...]”.

“Carlota Alves Cordeiro da Siva  
(...) era esposa fiel e dedicada, companheira firme(...), senhora de muitos predicados. Temperamento calmo. Generosa, fazia muita caridade. Gostava dos mais fracos. Mãe exemplar, orientou todos os seu filhos e filhas. Acompanhava de perto a sua conduta. Ajudava o marido e compartilhava na labuta do dia a dia.[...]”.

Este confinamento, segundo Maluf (1995, p. 201), mesmo em relação às atividades domésticas, “pode redundar no não-reconhecimento de seu trabalho (e do tempo socialmente gasto nele), de sua influência, seu poder não-formalizado e suas pressões sobre o conjunto do grupo social”. Também nesta linha e avessa à idéia da não historicidade da mulher, Dias (1995, p.13), argumenta que o

pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerciam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história.

Portanto, a “trivialidade” dos passeios e visitas de uma jovem mulher durante sua permanência em Salvador em 1908, deve ser analisada sob o prisma de uma rede de sociabilidade herdada e re-elaborada em benefício próprio. Rede de sociabilidade que lhe será extremamente útil nos anos posteriores de sua vida. Além disso, o “passar o tempo” fazendo visitas é entendido pelos pais como avesso ao tempo do trabalho socialmente importante, como o trabalho do pai que provê o sustento da família.

Outras duas correspondências, já citadas anteriormente, podem auxiliar na discussão em torno do “modo peculiar de inserção [dessas mulheres] no processo social” (DIAS,1995: 13), ampliando ou invertendo o entendimento sobre a falta de “hora vaga” para escrever.

Segue abaixo a transcrição de um trecho da carta em que Anísia, da localidade de Monte Alto, em 1º de agosto de 1905, escreve para a prima, comenta sobre a demora em receber notícias e também justifica-se pelo atraso na resposta:

Querida Cimcim:-

(...) Ha tempos que não recebo carta sua, a ultima que recebi estava nos Três-Irmãos. Temos recebido cartas de José e Francisquinho; estão satisfeitos e estudando bastante como V. deveria ter visto pelo boletim que meu pai enviou a Tio Doutor. Elles não esquecem de V V. e sempre mandam lembranças e pede noticias. José está quase bom da ferida na perna. Pretendemos voltar para a roça em Setembro; já accostumei com a vida da roça e fico contrariada com a vida privada das Villas. V. Vanvan, Tia Donana, Tilinha e os meninos aceitam lembranças de minha mãe e das meninas. Em outra occasião lhe escreverei extensamente, não hoje por estar com pressa. Envio-lhe um apertado e saudoso abraço. Passe bem, divirta-se muito não esquecendo da prima. Anisia<sup>10</sup>.

Como foi destacado anteriormente, foram vários os obstáculos que dificultam sobremaneira as comunicações entre pessoas distantes até as três primeiras décadas do século XX. Tais dificuldades acarretam lacunas de notícias que são expressas em frases como: “(...) Há tempos não tenho suas amáveis notícias, e o fim principal desta é vistar-lhe e pedir ao mesmo tempo que continue sempre a escrever-me(...).”<sup>11</sup>, ou “(...) lhe escrevi e não tive resposta (...)”<sup>12</sup>; ou ainda : “(...) Outro dia quando estava surprehendida, com a demora de carta sua e mesmo mto, triste por ignorar tão grande silencio (...)”<sup>13</sup>. Estas queixas, que a primeira vista foram analisadas sob o prisma das dificuldades de comunicação, ganham outros contornos quando pensadas sobre a perspectiva da inserção em outras atividades para muito além do simples, porém não menos importante relato de família.

Corroborando para esta discussão as justificativas dadas pelas próprias missivistas: “Em outra ocasião lhe escreverei extensamente, não hoje por estar com pressa”<sup>14</sup>;

“Recebi uma cartão de Yaya e em outra ocasião responderei, não fazendo agora pro falta de tempo. Já fico veixada porque todas ás vezes que lhe escrevo, dou esta desculpa de **falta tempo**; V. não avalia como a minha vida é trabalhosa”<sup>15</sup>.

<sup>10</sup> ANÍSIA. **Carta para Celsina**. Monte Alto, 1º de agosto de 1905. caixa 2, maço 1, nº 656. (**grifos meus**). O “Tio Doutor” e a “Tia Donana”, são respectivamente, o coronel Deocleciano Pires Teixeira e sua esposa, D. Ana Spínola Teixeira.

<sup>11</sup> ANÍSIA. **Carta para Celsina**. Bella-flor, 2 de maio de 1911. caixa 2, maço 1, nº 744. A localidade de Bella-flor é o atual município de Guanambi, cidade vizinha e cerca a de 40 km distante de Caetité.

<sup>12</sup> ANÍSIA. **Carta para Celsina**. Monte Alto, 11 de julho de 1906. APMC, caixa 2, maço 1, nº 662.

<sup>13</sup> ANÍSIA. **Carta para Celsina**. Caldeirão, 15 de agosto de 1904. Caixa 2, maço 1, nº 661.

<sup>14</sup> ANÍSIA. **Carta para Celsina**. Monte Alto, 1º de agosto de 1905. caixa 2, maço 1, nº 656.

<sup>15</sup> ANÍSIA. **Carta para Celsina**. Pajehú, 23 de janeiro de 1905. APMC, caixa 1, maço 1, nº 654.



“*Estar com pressa*”, “*ocupações*”, “*ora uma cousa, ora outra*”, “*vida trabalhosa*”, estas justificativas podem soar como desculpas vagas diante da possibilidade de atritos com parentes por causa da falta de notícias, entretanto estes indícios permitem afirmar também que o hiato entre receber e responder correspondências pode ser causado pela inserção em atividades diversas acarretando, portanto, uma falta de tempo para escrever, mesmo sendo importante enviar notícias aos parentes distantes. Com relação à Celsina, uma de suas outras atuações em meados de 1905, em Caetité, parece ter sido o de substituir a irmã Tulinha na atividade de lecionar aulas, quando da ausência desta:

Não respondi a sua ultima carta devido ás occupações que tenho tido desde 6 de Julho, pois como sabe fiquei substituindo a Tulinha que foi dar um passeio ao Caçula; ella volta segunda-feira, tendo feito bôa viagem; porem eu fiquei leccionando o resto da semana<sup>16</sup>.

Neste caso, não é possível saber o motivo que as impelia para atividade de ensino, como a questão financeira da família, por exemplo, nem tão pouco afirmar se esta atividade era remunerada ou não, todavia, o contexto na qual a carta foi escrita está imerso em ampla crise econômica e social. Pires (2005), ao analisar os valores dos montes-mores nos períodos de 1880-89 e 1890-94, para Caetité e Rio de Contas, afirma que há um empobrecimento diretamente relacionado com a abolição, “tanto nos anos anteriores, quanto nos posteriores a ela”. Segundo a análise desta historiadora,

“Em Caetité, o golpe nos parece demasiadamente duro porque não se verifica recuperação das fortunas pessoais e da economia regional até pelo menos a terceira década do século XX. O decréscimo econômico assinalado entre o período pré e pós-abolicionista resulta da incapacidade dessas economias em driblar os problemas advindos das secas e do fim da escravidão” (PIRES, 2005: 157).

Assim, se por um lado a economia regional encontra-se em crise, não seria absurda uma hipótese em torno da busca de soluções a partir de atitudes de indivíduos (homens e mulheres) em meio a situações adversas. Mesmo para uma família da elite como a do coronel Deocleciano, a diversificação das atividades econômicas a partir das atitudes dos seus membros também podem ser entendidas como alternativas para escapar ou amenizar contextos econômicos desfavoráveis. Alguns anos mais tarde Celsina, estabelecida em Caetité e tendo adquirido uma posição mais central dentro da família (não seria exagero afirmar, em

---

<sup>16</sup> Esta citação é parte integrante da resposta elaborada por CELSINA na forma de rascunho escrita no verso da carta enviada por ANÍSIA. Monte Alto, 1º de agosto de 1905. Caixa 2, maço 1, nº 656.

substituição ao pai) busca inúmeras alternativas como compra e venda de ações, diversificação da produção agrícola e pecuária, controle incisivo do orçamento doméstico etc.

Portanto, nas entrelinhas das queixas sobre a demora em receber a resposta da carta escrita há dias, e a despeito dos problemas de transporte e comunicação verificados em Caetité até as primeiras décadas do século XX, existem hiatos de tempo que foram discutidos, re-significados enquanto atuações diversas, redes de sociabilidade, construção de autonomia quanto à escolhas próprias e inserções sociais distantes do estritamente normativo.

### **Referências Bibliográficas:**

BASTOS, M.<sup>a</sup> H. Câmara; CUNHA, M.<sup>a</sup> T. Santos, MIGNOT, A. C. Venâncio (orgs.) Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. *Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. In: COSTA, A. de Oliveira e BRUSCHINI, C. (Orgs). Questões de gênero. São Paulo: Fund. Carlos Chagas/Rosa dos Ventos, 1991. p. 39-53.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GALVÃO, M.<sup>a</sup> de Lourdes S. Cordeiro. Viagem no tempo: reminiscências. Salvador: Contemp. 1988.

HEREVEN, T. K. Tempo de família e tempo histórico. In: Revista Questões e debates. Curitiba: n. 5, 1984. p 3 a 26.

MALUF, M. Ruídos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995.

NEVES, E. F. Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio. Salvador: Editora da UFBA; Feira de Santana: UEFS, 1998.

PIRES, M.<sup>a</sup> de Fátima N. Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias: escravos e ex-escravos no *serto* de sima. Rio de Contas e Caetité –BA (1860-1920). São Paulo, 2005. 366p. Tese (Doutorado em História Social), FFLCH-USP.

SANTOS, P. H. Duque. Cidade e memória: dimensões da vida urbana. Caetité, 1940 – 1960. Rio de Janeiro, 2001. 203p. Dissertação (Mestrado em História Social), UNIRIO.